

NA SEMIPERIFERIA DO SISTEMA-MUNDO: PORTUGAL E A “MODERNIZAÇÃO”

Andreia Nunes

Membro Associado do Observatório Político

Portugal assume uma posição semiperiférica na sociedade internacional, na óptica da teoria do sistema-mundo de Wallerstein¹, enquadrada numa abordagem às Relações Internacionais estruturalista e baseada no paradigma da dependência.

Assim, num sistema onde cada país tem papéis e funções definidos, especialmente no que toca à divisão do trabalho, o conceito de modernização é ambíguo: este serve de "encobrimento" aos objectivos primários do sistema? Qual a margem de manobra da acção dos Estados, neste caso, de Portugal num sistema com uma hierarquia definida, no qual o país tem funções específicas a assumir?

Esta reflexão pretende assim apresentar uma primeira abordagem à conjugação destas duas teorias, aparentemente contraditórias, mas que, conceptualmente, coexistem e se interligam.

Enquadramento teórico-conceptual dos principais conceitos

O “sistema-mundo” é adoptado como uma unidade de análise básica, que representa a totalidade da sociedade, ou seja, um sistema social. Desde os séculos XIX e XX, este sistema traduz-se na economia-mundo capitalista contemporânea, que Wallerstein chama, originalmente, de “capitalist world-economy”. Neste tipo de sistema está ausente uma autoridade política encarregue da distribuição dos excedentes das actividades económicas, pelo que é o mercado o responsável por essa distribuição. Na definição de sistema social considerada por Wallerstein, esta premissa não impede de todo o funcionamento das trocas económicas, embora sistemas deste tipo, nos quais

¹ Immanuel Wallerstein é autor de *The Capitalist World-Economy*, obra na qual desenvolve a ideia de que todos os Estados, em diferentes patamares de desenvolvimento, coexistem num único sistema social.

existem um sistema político comum, possam existir, sob a forma de “world-empires”². Portanto, o sistema-mundo é “a unit with a single division of labor and multiple cultural systems”³.

No entanto, os Estados incluídos no sistema-mundo, interferem com frequência no mercado, de modo a tentarem distorcer e controlar os seus mecanismos, funcionando assim como um elemento estabilizador. Esta é portanto uma teoria que alarga a teoria clássica de Marx, inculcando-lhe uma perspectiva internacionalista, pois, para Wallerstein, o socialismo poderá apenas ser alcançado quando o domínio do sistema-mundo pelos Estados do centro for derrubado, e mesmo a competição entre Estados no geral, para dar lugar a um governo socialista mundial.

Mas entre estes Estados existem relações de poder, herdadas da relação feudal entre o senhorio e os seus súbditos. As características destas não desapareceram, apenas se reconverteram em capitalista (burguesia) e proletariado: entre o centro e a periferia. Os Estados, como estruturas macro que englobam as hierarquias de classe, também obedecem assim a uma hierarquia espacial: centro, periferia e semiperiferia. Wallerstein constrói esta abordagem centrando-se na história europeia e tendo como ponto fulcral a divisão mundial do trabalho: o processo de especialização necessário para construir estas três categorias foi iniciado já no século XVI, na Europa, na época do “agricultural capitalism”⁴. O noroeste da Europa (Reino Unido, Irlanda, os países nórdicos e do BENELUX e ainda as zonas norte da Alemanha, França e Áustria) reunia as condições para se constituir como o centro do sistema-mundo, especializando-se na produção baseada em qualificações elevadas. Os países da Europa Ocidental e de Leste, especializando-se na exportação de matérias-primas, formaram a periferia. As duas diferentes categorias enquadram modos de controlo laboral também eles diversos, o primeiro favorecendo o trabalho assalariado e o arrendamento, o segundo dando primazia à escravatura e ao trabalho mal pago e precário. Em conjunto, formam um sistema único, com uma divisão única do trabalho.

A semiperiferia – o factor estabilizador

Mas para este sistema ficar completo, ainda falta mencionar a semiperiferia, constituída pela Europa do Sul (referindo Wallerstein o caso específico de Portugal), que se especializou em produtos industriais de alto custo.

O sistema-mundo tem a necessidade desta terceira força na hierarquia por dois motivos: políticos e político-económicos. O primeiro baseia-se na ideia de que um sistema socialmente desigual terá sempre de lidar com a possibilidade de

² WALLERSTEIN, Immanuel - *The Capitalist World Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997

³ *Idem*

⁴ *Idem*



uma rebelião política. Assim, aos países que pertencem a esta esfera é concedida uma parte dos excedentes, para conter a instabilidade e a revolta das massas. Ainda assim, são-lhes negados alguns direitos políticos, negação justificada com a vulnerabilidade económica incitada pelo sistema.

É aqui que entram os motivos político-económicos. O sistema capitalista assenta no princípio da “unequal exchange”⁵ o que resumidamente se traduz na venda de produtos de alto custo pelos países do centro aos da periferia e ainda na venda de produtos de baixo custo da direcção inversa. A semiperiferia, por sua vez, encontra-se no meio deste processo, actuando nas duas direcções, conforme esteja a lidar com o centro ou com a periferia.

O que é importante reter destes dois motivos é que a semiperiferia “is both the exploited and the exploiter”⁶ funcionando como uma compensação entre dois pólos opostos, como a força estabilizadora que permite o equilíbrio entre um sistema polarizado. Este mecanismo tende a resultar pois a população residente nos países da semiperiferia “think of themselves primarily as better off than the lower sector, rather than as worse off than the upper sector”⁷.

Boaventura de Sousa Santos foi um dos autores portugueses que mais se debruçou sobre este conceito de semiperiferia, aplicando-o especificamente ao caso português.

O académico e autor considera que Portugal se enquadra na sua definição, por ser um país num estágio médio de desenvolvimento, no qual se verificam “um conjunto de características sociais, políticas, económicas e culturais que caracterizam internamente a sociedade portuguesa e a adequam em geral para papéis de intermediação entre o centro e a periferia”⁸ e que, exactamente por serem internas, estas não se perderam com a desagregação do império colonial português.

A teorização do conceito por Boaventura de Sousa Santos é feita tendo em conta o contexto europeu e adaptando as suas características a esta realidade, e considera como a mais essencial a “descoincidência articulada entre as relações de produção capitalista e as relações de produção social”⁹. Esta característica materializa-se no facto das sociedades semiperiféricas neste contexto conseguirem garantir a satisfação da maioria da população, sem que isso se deva, no entanto, a grandes níveis de produtividade ou à institucionalização da relação capital/trabalho, mas antes devido ao “complexo

⁵ Emmanuel, 1972 citado por WALLERSTEIN, Immanuel - *The Capitalist World Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

⁶ *Idem*

⁷ *Idem*

⁸ SANTOS, Boaventura de Sousa – *O Social e o Político na Semiperiferia Europeia*. In *O Estado e a Sociedade em Portugal (1974-1988)*. Porto: Edições Afrontamento, 1992

⁹ *Idem*



tecido social” que serve de contexto a esta relação. Este baseia-se não na classe média, mas em classes sociais que servem de suporte ao proletariado e que servem assim como um mecanismo compensatório. O Estado também assume um papel central na regulação social das sociedades semiperiféricas, essencialmente na regulação da sua economia.

“We do not live in a modernizing world but in a capitalist world. What makes this world tick is not the need for achievement but the need for profit.”¹⁰

Esta frase de Wallerstein, escrita no ano de 1979, não poderia ser mais actual, na época de uma das maiores crises financeira, económica e social da História, na qual o colapso do sistema capitalista demonstrou o verdadeiro objectivo deste.

O objectivo macro do sistema-mundo é a procura e a maximização do lucro. Portanto, todo o sistema está construído para atingir estes propósitos, e é com este intuito que cada Estado cumpre as suas funções, segundo a categoria hierárquica a que pertence.

O importante a reter da teoria da modernização é o facto de esta defender que a industrialização e o desenvolvimento económico levam directamente a mudanças sociais e políticas positivas. Portanto, a referida teoria centra-se nos vários estágios de desenvolvimento das sociedades, advogando que estes são possíveis de percorrer, se o Estado investir no desenvolvimento tecnológico e económico, e assim atingir melhores condições políticas e sociais.

Mas como é que uma teoria que se baseia na evolução e, em particular, o conceito de modernização, se pode enquadrar num sistema social com hierarquias e funções definidas, como o é o sistema-mundo?

O ponto fulcral da análise é a divisão única do trabalho existente no sistema-mundo. Cada categoria hierárquica corresponde então a um modo laboral e a semiperiferia tem as funções, neste âmbito, já explicadas no ponto do enquadramento teórico. Portanto, Portugal tem funções a cumprir no sistema, para que este sobreviva. A modernização está assim condicionada pelo próprio sistema: este cria dependência da semiperiferia e periferia relativamente ao centro, em termos de importação de tecnologia e outros produtos de elevado custo, pelo que é necessário que o “mito” da modernização se perpetue. Sem ele, não há expectativas. E estas relacionam-se muito particularmente com os Estados da semiperiferia. Como já foi referido anteriormente, estes tendem a pensar em si próprios como numa melhor situação que a periferia, e não como

¹⁰ WALLERSTEIN, Immanuel - The Capitalist World Economy. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

numa pior situação que o centro. Portanto têm expectativas de conseguir mudar de categoria hierárquica, nomeadamente, através da modernização.

No caso específico de Portugal, esta situação é particularmente visível aquando a entrada de Portugal na União Europeia, então Comunidade Económica Europeia.

Foram criadas expectativas, tendo sido enraizado “na consciência colectiva dos portugueses, a ideia de um processo em marcha rumo aos padrões europeus mais avançados da época”¹¹. O processo de modernização parecia estar em marcha. Mas a expectativa do “sonho europeu” saiu defraudada. Numa Europa “de joelhos” perante a crise financeira e económica, esse sonho está longe de ser alcançado. Portugal manteve-se numa posição semiperiférica, manteve-se a assegurar as funções que lhe incumbem no sistema.

Portanto, a reflexão sobre o caso português e os limites que enfrentamos relativamente a uma via de modernização não pode ser feita apenas a um nível nacional, mas tem de ter em conta toda a macroestrutura internacional que envolve o nosso país e pela qual este e os seus decisores políticos são condicionados. Os caminhos seguidos em termos especialmente de crescimento e desenvolvimento económico são condicionados, obviamente pelas forças políticas no governo, mas também pelo próprio sistema em que Portugal se insere e em que nível de poder se encontra o nosso país dentro deste.

A nossa situação interna é fruto da dinâmica e de um enquadramento internacional e é também este facto que esta reflexão pretende reforçar.

Conclusão

A modernização, como processo que tem em vista mudanças sociais e políticas positivas e que nos permitirá atingir um patamar último de desenvolvimento, não é possível de alcançar enquanto condicionamentos relacionados com o próprio sistema económico e financeiro não forem reformulados e ultrapassados. Portugal enquadra-se numa categoria específica e tem metas a cumprir para assegurar o funcionamento do sistema. E o sistema não tem como objectivo aumentar o bem-estar dos cidadãos dos vários Estados, a nível social e político, tendo antes em vista a procura do lucro. Não é a prioridade do sistema a modernização como desenvolvimento, mas antes a modernização

¹¹ ESTANQUE, Elísio, Movimentos sociais: a nova rebelião da classe média. Revista do SNESup – Sindicato Nacional do Ensino Superior, n° 23 (Janeiro/Fevereiro de 2012), pp. 28-37.

como encobrimento e sustento dos próprios mecanismos maximizadores do lucro.

Enquanto este for o objectivo principal do sistema social internacional em que vivemos, mudanças internas podem ser realizadas e serem positivas para os cidadãos até um certo nível, mas, substancialmente, o papel de Portugal no mundo manter-se-á, o de funcionar como “tampão” do sistema, foco estabilizador e de manutenção de um sistema que não o beneficia.

OBSERVATÓRIO POLÍTICO

Av. Elias Garcia, nº 123 – 7ºE
1050-098 Lisboa PORTUGAL
Telf. (00351) 21 820 88 75
geral@observatoriopolitico.pt

Para citar este trabalho/ To quote this paper:

NUNES, Andreia «Na semiperiferia do Sistema-Mundo: Portugal e a “Modernização”», *Working Paper #32*, Observatório Político, publicado em 23/07/2013, URL: www.observatoriopolitico.pt

Aviso:

Os working papers publicados no sítio do Observatório Político podem ser consultados e reproduzidos em formato de papel ou digital, desde que sejam estritamente para uso pessoal, científico ou académico, excluindo qualquer exploração comercial, publicação ou alteração sem a autorização por escrito do respectivo autor. A reprodução deve incluir necessariamente o editor, o nome do autor e a referência do documento. Qualquer outra reprodução é estritamente proibida sem a permissão do autor e editor, salvo o disposto em lei em vigor em Portugal.